FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Uma viagem pela educação através do conto "Além do bastidor"de Marina Colasanti

Cristiane Aparecida Forin

F692u

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5177
Data 16 / 04 / 99

Pontes e Lacerda, julho de 1998.

Uma viagem pela educação através do conto "Além do Bastidor" de Marina Colasanti

Por

Cristiane Aparecida Forin

Ensaio monográfico apresentado ao curso de Graduação em Letras da UNEMAT (MT), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Pontes e Lacerda, junho de 1998.

"Para um mesmo texto, leituras possíveis em certas épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro. Isto pode ser observado em nós mesmos: lemos diferentemente o mesmo texto em épocas (condições) diferentes". (Eni Orlandi)

Dedico a presente monografia àquela pessoa que é a grande responsável por meu ingresso nesta Faculdade de Letras, e que tantas lições de vida me ensinou, a minha mãe Aparecida do Valle Forin.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as vezes que me senti desanimada e ele, olhando para esta humilde filha, me reergueu, através da ajuda de seus outros filhos que me rodeiam.

Aos professores José Leonildo Lima e Tereza de Pazos, que não mediram esforços em nosso auxílio.

Ao meu namorado Newton de Freitas Miotto, amigo e companheiro, que sempre esteve ao meu lado, pacientemente, na busca pelo saber.

SUMÁRIO

- Apresentação 06
- Um Breve Histórico..... 07
- Conceitos de Leitura 11
- Teorias da Educação..... 14
- A psicologia na fase pré - escolar..... 44
- Análise do conto "Além do bastidor" de Marina Colasanti..... 47
- Considerações Finais..... 57
- Bibliografia..... 60

APRESENTAÇÃO

Através da análise do conto "Além do bastidor" de Marina Colasanti, o presente trabalho tem por objetivo mostrar ao leitor qual é o tipo de ensino que hoje é ministrado na maioria de nossas escolas e suas conseqüências.

Para tanto, elaboramos um quadro teórico onde abordaremos questões inerentes a educação e leitura.

Começaremos por ***um breve histórico*** cuja finalidade será esclarecer o processo de transformação que ocorreu no campo da educação, a partir da passagem do sujeito religioso (medieval) para o sujeito jurídico (do capitalismo), fase esta que caracteriza a substituição do poder da Igreja pelo poder do Estado.

A seguir serão apresentados vários conceitos de leitura a fim de justificar a interpretação dada ao conto analisado.

As teorias da educação também serão objeto de reflexão e nelas, será abordado o ensino dos Jesuítas, no período de colonização do Brasil, a pedagogia da essência da escola tradicional, a pedagogia da existência da Escola Nova, o movimento da escola Tecnicista e seu momento histórico, as teorias crítico – reprodutivistas e finalmente as teorias críticas da educação;

Também se faz importante um estudo da psicologia na fase pré-escolar cujo objetivo é mostrar como ocorre a formação de uma criança nos primeiros 6 anos de vida, ou seja, antes de ingressar na escola.

A partir deste referencial teórico, será realizada a análise do conto "Além do bastidor" de Marina Colasanti, que se apresentará também em tópicos, tendo o objetivo de mostrar a leitura por nós realizada (uma dentre as possíveis) do presente conto. Tais tópicos estão distribuídos da seguinte maneira: Interpretação do conto com fundamentos teóricos na psicologia da fase pré-escolar; verificação da postura do professor perante este aluno que ingressa na escola; constatação de como a Instituição Escola vê este aluno e a que classe social ela está a serviço ; e o porque possuímos esta estrutura educacional.

A partir dessas informações e análises e após observar o processo educacional com maior clareza, emitiremos parecer, de caráter pessoal, sobre o mesmo. Tal posicionamento fica explicito nas considerações finais do presente ensaio monográfico.

UM BREVE HISTÓRICO

Para que possamos melhor compreender o processo de leitura e seus diversos conceitos, é necessário haver, primeiramente, a compreensão do momento histórico em que houve uma mudança crucial no comportamento deste sujeito leitor.

> "Há, historicamente, uma passagem do sujeito religioso (medieval) para o jurídico (do capitalismo), em que a subordinação explícita do homem ao discurso religioso é substituída por uma subordinação menos explícita, que insiste precisamente na idéia de um sujeito livre e não determinado quanto às suas escolhas: é o sujeito de direito. A submissão a Deus dá lugar a uma crença menos visível, porque se aplica em preservar a idéia de liberdade e é mais abstrata e característica do formalismo jurídico" (Orlandi, 1993, P...)

Quando nos é colocado que com este processo apareceu "um sujeito livre e não determinado quanto às suas escolhas", podemos então justificar o aparecimento da individualidade deste sujeito.

Com esta forma de individualização, que historicamente teve seu momento maior século XIX, com o Romantismo, o homem passa a assumir uma posição de autonomia e seu comportamento, estando o "eu" aflorado num contexto social capitalista. É essa mudança da maneira de agir, pensar e se posicionar diante da sociedade, que deu origem ao surgimento de um novo modelo de homem.

Este novo modelo de homem emergiu de uma sociedade, que até então, era tomada pela força maior da religiosidade, ou seja, a Igreja estava acima do poder do Estado e consequentemente, o homem vivia subordinado a ela.

Com a elevação do Estado, o homem assume outra postura, da já citada individualização e valorização do "eu".

Foucault (1977), diz o seguinte:

> "... as diferentes formas de poder fabricam diferentes tipos de individualidades: o Estado funda sua legitimidade e sua autoridade sobre o cidadão, levando-o a interiorizar a idéia de coerção, ao mesmo tempo que faz com que ele tome consciência de sua autonomia". (in Orlandi, P.4)

A ascensão do Estado deu ao sujeito maior liberdade e individualidade no pensar e agir. No entanto, colocando a nível de sujeito - leitor, verifica-se uma certa ambigüidade, pois ao mesmo tempo em que valoriza a livre interpretação, as instituições escolares que são mantidas pelo Estado, trazem em sua ideologia uma autoridade sobre este sujeito, não dando condições para que seja realmente livre em suas diversas formas de expressão. Ideologia entendida sob a seguinte definição: "... um sistema de idéias de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social..." (Louis Althusser, "Os Aparelhos Ideológicos do Estado", p.81)

Para que fique elucidado o papel ideológico do Estado, Louis Althusser esclarece quais são as divisões que o compõe: "Enumeremos, nas formações sociais capitalistas contemporâneas um número relativamente elevado de aparelhos ideológicos do Estado: o aparelho escolar, o aparelho religioso, o aparelho familiar, o aparelho político, o aparelho sindical, o aparelho de informação, o aparelho cultural, etc. ..." (p.75).

Assim, fica comprovado que a escola está dentre os aparelhos ideológicos do Estado, e que este aparelho assumiu "a posição dominante nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classe política e ideológica contra o antigo aparelho ideológico do Estado dominante" (p.77), que era o aparelho ideológico do Estado Religioso.

Althusser ainda nos deixa claro o caráter repressivo que o Estado assume através de seus aparelhos ideológicos:

> "Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica (não existe aparelho puramente ideológico). Desta forma, a Escola, as Igrejas, 'moldam' por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção, etc. ... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. ..."(p.70).

Este comportamento de "moldar" as pessoas, conforme os interesses da classe dominante, tanto se faz presente na Escola quanto na Igreja e, devido a transferência do poder religioso para o Estado, este aspecto em nada se transformou, visto que até hoje esta idéia persiste nos aparelhos ideológicos do Estado.

Quando Foulcault diz: "as diferentes formas de poder fabricam diferentes tipos de individualidades: ...", é justamente sobre o fator ideológico que está se referindo, pois juntamente com o Estado vieram os seus aparelhos ideológicos que o constituem e, consequentemente, criou-se uma nova individualidade para o sujeito. No entanto, como já fora afirmado "não existe aparelho puramente ideológico", ficando assim comprovado que a repressão está presente em todos os Aparelhos Ideológicos do Estado, algumas vezes de forma camuflada, mas sempre presente.

Colocando em análise a palavra ***coerção***, com base na citação de que "... o Estado funda sua legitimidade e sua autoridade sobre o cidadão, levando-o a interiorizar a idéia de coerção, ao mesmo tempo em que faz com que ele tome consciência de sua autonomia" (Foucault, 1977), verifica-se que a definição encontrada no Dicionário Aurélio é de "coação, constranger, obrigar usando de violência; forçar", vindo a comprovar que:

1. Através dos aparelhos ideológicos do Estado, principalmente a escola, o Estado faz com que o cidadão absorva a idéia de que deve seguir certas regras impostas pelo Estado, e o faz através novamente da repressão, não somente através da ideologia.
2. O Estado faz com que o sujeito tenha uma falsa impressão de liberdade "autonomia", mas que na verdade não é exercida.

Esse esclarecimento sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado se fizeram necessários, para que se pudesse comprovar que com a queda do Sistema Religioso e a ascensão do Estado, o que tivemos foi uma falsa impressão de liberdade, o que será mais adiante verificado no âmbito escolar.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

CONCEITOS DE LEITURA

Dentro de uma análise elaborada sobre as diferentes teorias a respeito da leitura, podemos pôr em evidência alguns conceitos, que são embasadores para a melhor compreensão deste ato, que, aparentemente simples, pode implicar longas discussões.

Paulo Freire em "A Importância do Ato de Ler", diz que:

> "... a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela... De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente". (Freire, 1992:11)

Eni Orlandi (1993), vem corroborar este conceito de leitura em sua obra "Discurso e Leitura", com as seguintes afirmações:

> "A leitura portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modo de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade".(p.09)

> "Dessa forma, só a referência à história permite que se diga, de uma leitura, se ela compreendeu menos ou mais do que 'devia'. Porque, sem dúvida, na multiplicidade de sentidos possíveis atribuíveis a um texto – Rimbaud diz que 'todo texto pode significar tudo – há uma determinação histórica que faz com que só alguns sentidos sejam 'lidos' e outros não'" (p.12)

> "Para um mesmo texto, leituras possíveis em certa épocas não o foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro. Isto

> pode ser observado em nós mesmos: lemos diferentemente um mesmo texto em épocas (condições) diferentes". (p.) 41

As citações nos levam a afirmação de que: o sujeito leitor ao praticar o ato da leitura, o nível de sua compreensão dependerá de todo o contexto de leituras pré - existentes neste sujeito. Este contexto de leituras é que implicará a historicidade do leitor, ou seja, dependendo em que nível se encontra este sujeito leitor, é que podemos determinar seu grau de compreensão do que está posto. Para se determinar este nível, o sujeito leitor lança mão de todo o seu contexto sócio - cultural e histórico, que são determinantes para uma melhor compreensão na leitura de um modo geral.

Assim, podemos justificar que o primeiro conceito de leitura, aqui apresentado, depende da historicidade do sujeito.

Eni Orlandi (1993), na perspectiva da Análise de Discurso "... considera que o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentidos ao texto. Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção. Daí se poder dizer que a leitura é o momento crítico da constituição do texto ..." (p.) 37

> "Dessa forma, o processo de compreensão de um texto certamente não exclui a articulação entre várias linguagens que constituem o universo simbólico. Dito de outra maneira; o aluno traz, para a leitura, a sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem". (p. 38).

A título de esclarecimento, a palavra ***linguagem*** aqui é compreendida como sendo não apenas uma linguagem verbal, mas aquelas representadas através da pintura, gestos, músicas, etc.

O leitor quando efetua a leitura de um texto está neste momento não apenas decodificando sinais, mas pelo contrário, indo além do que está ali

posto, fazendo uma leitura crítica e atribuindo sentidos diversos à leitura apresentada.

Quando falamos em atribuição de sentidos, lidaremos com a noção de leitura parafrástica e polissêmica.

A leitura **parafrástica** se caracteriza "pelo conhecimento(reprodução) de um sentido que se supõe ser o do texto (dado pelo autor)" e a leitura **polissêmica** se define "pela atribuição de muitos sentidos ao texto"..."então em relação a esses limites, pode se dizer que para se decidir de uma leitura se ela é, ou não, uma leitura possível (limite máximo) e/ou se chega a ser uma leitura razoável (limite mínimo), o critério está na observação da história tal como a colocada mais acima". (p.43)

Observa-se que neste instante ocorre uma circularidade de conceitos, ou seja, um dos fatores que irá determinar as leituras parafrástica e polissêmica é justamente a historicidade do sujeito, o que de certa forma marca a sua história de leituras.

Outro aspecto a ser ressaltado para essa compreensão do texto, é a **intertextualidade** que dará margens para o alargamento desses sentidos elaborados pelo sujeito, ou seja, ao passo em que o sujeito monta a sua história de leituras ele vai relacionando uma história com a outra, verificando semelhanças, analisando a relação que um texto apresenta com o outro, caracterizando-se assim, a intertextualidade dos sentidos.

TEORIAS DA EDUCAÇÃO

Antes de explanarmos as teorias da educação que serão aqui apresentadas, abriremos um pequeno espaço para fazermos uma respectiva histórica no que tange ao ensino dos **jesuítas** que foi de suma importância na era do Brasil Colonial, constituindo esta fase nos primórdios da didática na educação brasileira.

Nesta época tinha-se uma sociedade de economia agrária – exportadora, dependentemente, explorada pela Metrópole e a educação não era considerada um valor social importante.

O papel dos jesuítas era catequizar os índios e negros, havendo aí uma discriminação, porque enquanto os índios e negros eram catequizados, os filhos dos colonos eram instruídos.

Neste período é introduzida no Brasil a **Ratio Studiorum**, trazida da Europa, fase longa com várias idéias, que resultava numa orientação universalista no ensino, a qual se preocupava com o ensino humanista de cultura geral e enciclopédico, que correspondia a uma articulação entre a Filosofia de Aristóteles e a tradição cristã, base da Pedagogia Tradicional na vertente religiosa.

De acordo com a orientação jesuítica, a ação pedagógica era marcada pelas formas dogmáticas do pensamento, contra o pensamento crítico. O ensino era alheio à realidade de vida da Colônia. Desta forma não distribuía o ensino para a transformação social. "A educação foi condicionada a uma pedagogia de dominação, uma vez que os colégios e seminários jesuítas foram, desde o início, o pólo de irradiação da ideologia dos colonizadores". (Ilma Passos Alencastro Veiga, "A prática pedagogia do professor de didática", 1994 – p. 41).

O que gostaríamos de pôr em evidência com este breve retroceder da história, é justamente o caráter ideológico que a escola assumiu em favor da classe social dominante, e que se faz presente até os dias de hoje.

Para compreendermos de que forma se deu e se dá a utilização

ideologia, analisaremos os conceitos das obras de Dermeval Saviani, "Escola e Democracia, (1977), Maria da Graça Nicoletti Mizukami, "Ensino: As Abordagens do Processo" (1986) e José Carlos Libâneo "Democratização da Escola Pública, A Pedagogia Critico – Social dos Conteúdos" (1993), as quais deixam claro o processo ocorrido com o ensino desde a sua expansão às massas até os dias de hoje.

Para que possamos melhor compreender o momento atual da escola é necessário retroceder no tempo e buscar a história que veio embalando o processo de ensino. Para tanto, começaremos na Idade Média, quando a educação diz respeito à articulação da essência humana com a criação divina. Neste sentido, Saviani diz que:

> 1. "... ao serem criados os homens segundo uma essência predeterminada, também já seus destinos eram definidos previamente; consequentemente, a diferenciação da sociedade entre senhores e servos já estava marcada pela própria concepção que se tinha de essência humana. Então, a essência humana justifica as diferenças".(p.50)

Com base nestas diferenças da essência humana é que paradoxalmente, mais tarde, na época moderna, com a ascensão da burguesia surgiu a pedagogia da essência que vai defender a "igualdade essencial dos homens".

A ascensão da burguesia se dá com o rompimento do modo de produção feudal e a gestação do modo de produção capitalista gerado pela burguesia, que irá se tornar uma classe revolucionária em oposição à nobreza e ao clero, fazendo críticas aos privilégios que usufruíam, afirmando que estes "não eram naturais e muito menos divinos, mas eram sociais", o que caracterizava a injustiça e desta forma em senhores e servos não poderia persistir. Ela teria que ser substituída pôr uma sociedade igualitária". (Saviani, p. 51).

Na busca de uma sociedade igualitária é que veio ser edificada a **pedagogia da essência**, onde a burguesia tornou-se a classe dominante, que

viera mais tarde a instituir a escolarização para todos, a fim de transformar os servos em cidadãos, fazendo-os participar no processo da consolidação da ordem democrática, ou seja, "democracia burguesa, é obvio", (Saviani, p. 52) deixando claro o papel político da escola.

Esse tipo de escola que hoje é chamada de **escola tradicional**, é descrita pelos autores analisados e segundo eles:

> "Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre – escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural dos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos" (Dermeval Saviani, 1997 – p. 18).

> "O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo. O ponto fundamental desse processo será o produto da aprendizagem. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado. A didática tradicional quase que poderia ser resumida, pois, em 'dar a lição' e em 'tomar a lição'. São reprimidos freqüentemente os elementos da vida emocional ou afetiva pôr se julgarem impeditivos de uma boa e útil direção do trabalho do ensino". (Mizukami, 1986 – p. 15).

Em José Carlos Libâneo (1993, p. 22), temos que:

> "Os conteúdos, os procedimentos didáticos, a relação professor – aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual".

Podemos verificar que a postura assumida pela escola tradicional, acima citada, trata o aluno como se não tivesse qualquer conhecimento prévio de mundo, ignorando o meio social em que vive, encarando-o como se fosse uma página em branco a ser preenchida.

Esta pedagogia da escola tradicional que apresenta o professor como a única fonte de saber, impondo os conteúdos a serem memorizados, com o decorrer dos tempos passou a ser objeto de uma crescente decepção por parte da sociedade, pois "... além de não conseguir realizar seu desiderato de universalização (nem todos nela ingressavam e mesmo os que ingressavam nem sempre eram bem sucedidos) ainda teve de curvar-se ante o fato de que nem todos os bem – sucedidos se ajustavam ao tipo de sociedade que se queria consolidar" (Saviani, p. 18).

Com isso, a escola tradicional foi muito criticada, visto que ela deixava de cumprir sua função primordial, que era acabar com a marginalidade, pois "a causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido..." (Saviani, p. 18). Assim, como nem todos conseguiam ingressar na escola, caía por terra o grande objetivo de "equacionar o problema da marginalidade".

As críticas a essa ineficiência do ensino, desembocou em um grande movimento de reforma que ficou conhecido sob o nome de "**escolanovismo**".

Antes de partir para esta nova pedagogia do ensino, é de extrema importância deixar claro os motivos pelos quais o ensino da escola tradicional se mostrou tão ineficiente.

Voltando à história verificamos que esse aspecto da influência da escola é camuflado pelo Estado. As críticas geradas sobre o ensino tradicional efetivou-se, basicamente, porque ela estava voltada para educação de todos, e embora essa educação não abarcasse todas as pessoas, mesmo assim, a escola estava formando um número razoável da população. Com esta formação a inversão de interesses se efetivou, pois, durante as eleições, a população escolhia os candidatos que eram menos ruins a seus olhos, uma vez que os bons não conseguiram chegar ao poder. Com isso. Logicamente, não

Com esse confronto de interesses, a burguesia que havia se tornado a classe revolucionária em oposição à nobreza e ao clero, instituindo a escola tradicional para transformar servos em cidadãos, perde a postura de transformadora da sociedade e da história, empenhando-se em mantê-la como estava. Agora os revolucionários são as classes que a burguesia explora e não mais a própria burguesia.

Nesse momento surge a **pedagogia da existência** que será a base para o "**escolavismo**" anteriormente citado, ou a "**escola nova**". A pedagogia da existência tem por filosofia respeitar as diferenças entre os homens, considerando que "há aqueles que têm mais capacidade e aqueles que têm menos capacidade; há aqueles que se interessam por isso e os que se interessam por aquilo" (Saviani, p. 52). Tal pensamento pedagógico acaba por legitimar a injustiça, a desigualdade, os privilégios, a dominação e a sujeição. Assim, a pedagogia da existência vem substituir a pedagogia da essência que visava a igualdade entre os homens, surgindo a escola nova.

A teoria da **escola nova** irá abordar a questão do marginalizado sob a seguinte definição: "a marginalidade deixa de ser vista predominantemente sob o ângulo da ignorância, isto é, o não domínio dos conhecimentos. O marginalizado não é propriamente o ignorante mas o rejeitado". É relevante salientar que os principais representantes da pedagogia nova, elaboraram os estudos da referida pedagogia, a partir da preocupação com os "anormais". Através destes estudos, verificou-se as deficiências existentes em cada indivíduo, chegando a seguinte conclusão: "A educação enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, incutindo neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais". (Saviani, p. 20).

Com essa pedagogia, houve uma mudança da pedagogia do intelecto para o sentimento, "do aspecto lógico para o psicológico; ... ; do professor para o aluno; do esforço para interesse; da disciplina para a espontaneidade; ... ; da quantidade para a qualidade... Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas

No entanto, para que se instalasse a referida pedagogia, seria necessária toda uma reformulação estrutural no ensino, desde suas instalações até a formação de seus professores. Com isso, os custos para a sua implantação seriam extremamente elevados em relação aos da escola tradicional. Por fim, foram organizadas na forma de escolas experimentais, em pequenos núcleos onde somente os alunos da elite tinham acesso.

Contudo, já se encontrava propagada a pedagogia nova e os professores da escola tradicional confundiam-se entre aplicar o método de escola tradicional e ser influenciado pela nova forma de ensinar.

Os resultados foram desastrosos, visto que os professores da escola tradicional, "provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito freqüentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado. Em contrapartida, a "Escola Nova" aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites". (Saviani, p. 22).

A confusão provocada pela Pedagogia da Escola Nova, aliada ao momento de mudanças políticas intensas vividas no país, acabou por desembocar numa nova tendência na educação: a pedagogia tecnicista.

É relevante entender o momento histórico em que se instalou a pedagogia tecnicista, visto que o mesmo foi marcante para o contexto educacional.

Podemos, superficialmente, dizer que o Golpe de Estado de 1964, se deu em virtude da crise econômica e política, sendo que a crise econômica caracterizava-se pela redução do índice de investimentos, diminuição da entrada de capital estrangeiro, queda da taxa de lucro e agravamento da inflação. No ano de 1960, possuíamos um percentual de 30,5%, 1961 de 47,7%, 1962 de 51,3% e 1963 de 81,3%. (José Wellington Germano, "Estado Militar e Educação no Brasil, 1985).

Desta forma houveram mobilizações populares em favor das reformas na estrutura da sociedade brasileira, acentuando-se o conflito entre capital e trabalho, agravando a crise da política do Estado. Sendo assim, as

aumentando a participação política e houve a organização dos trabalhadores urbanos e rurais. Outros setores da sociedade também se mobilizaram em favor das Reformas de Base, como os estudantes e os militares subalternos (sargentos, marinheiro, etc.).

Tudo isso influenciou na educação, pois no Nordeste, houveram campanhas de propostas de conscientização política e social do povo; aumento da matrícula no ensino fundamental no período de 1960/1964, enquanto os universitários, através da UNE (União Nacional dos Estudantes), engajaram-se na luta pela organização cultural a fim de haver a transformação estrutural da sociedade brasileira.

Nesse momento houveram greves, mobilizações, assembléias, crescimento das organizações sindicais, surgimento das Ligas Camponesas e dos Sindicatos Rurais, tendo a Igreja Católica também se mobilizado, chegando a criar um sistema de radiodifusão educativa com o MEB (Movimento de Educação de Base) e envolvendo-se em campanhas eleitorais em favor de candidatos cristãos.

O resultado desses fatos foi o Golpe de 1964 que depõe o Presidente **João Goulart** e põe fim à "democracia populista", iniciada em 1946. Fruto de uma organização civil e militar, o golpe configura das classes dominantes, ou seja, a burguesia industrial e financeira, nacional e internacional, o capital mercantil, latifundiários e militares, podendo assim classificá-los como **elite.**

Podemos dizer que o Estado caracterizava-se naquela época, após o golpe, por um elevado grau de autoritarismo e violência, além de manterem uma aparência "democrática", uma vez que o Congresso Nacional não foi fechado em definitivo (embora tenha sido mutilado), e o Judiciário funcionava como apêndice do Executivo. Tenta-se, assim sufocar os setores da sociedade civil, intervindo em sindicatos, reprimindo e fechando instituições representativas de trabalhadores e estudantes, extinguindo partidos políticos, bem como, forçando a exclusão do setor popular e dos seus aliados na arena política.

Com efeito, durante o governo "liberal" de **Castelo Branco**,

Com efeito, durante o governo "liberal" de **Castelo Branco**, assumido com o golpe de abril de 1964, houveram 3.747 atos punitivos, representando mais do que 3 atos punitivos por dia. Assim, visto que o golpe foi dado em nome da democracia, o que ocorreu foi a implantação gradual de uma ditadura.

Existia uma grande preocupação na época em acelerar o crescimento sócio - econômico do país, tendo a educação papel importante neste processo. O cenário da educação foi marcado pelos acordos MEC/USAID, que serviram de base para as reformas do ensino superior e, posteriormente, do ensino de primeiro e segundo graus.

É nesse contexto histórico que surge a **pedagogia tecnicista**. A pedagogia tecnicista se apresentará segundo os autores analisados, da seguinte forma:

> "Num sistema social harmônico, orgânico e funcional, a escola funciona como modeladora do comportamento humano, através de técnicas específicas... Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos 'competentes' para o mercado de trabalho, transmitindo, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas" (Libâneo, p. 28).

> "... na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais". (Saviani, p. 24).

A pedagogia tecnicista está diretamente inspirada no modo de produção fabril, ou seja, procura-se a objetividade no ensino. Com isso as escolas passam a dar mais valor à técnica, à eficiência, deixando de lado a individualidade da pedagogia de escola nova.

A didática tecnicista tinha por objetivo principal atender o crescimento industrial, onde o aluno estaria estudando os conteúdos que mais tarde o levaria ao mercado de trabalho, não sendo desenvolvida a parte crítico – filosófica do mesmo, não havendo interação entre professor e aluno.

Para a pedagogia tecnicista a questão da marginalidade é vista sob o seguinte prisma: "Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o insuficiente e improdutivo". (Saviani, p. 25). Nesta pedagogia o importante é "aprender a fazer". Observar-se que o aluno está sob a ordem de uma pedagogia que o considera com se fosse uma máquina, pois se não é eficiente e produtiva, não é útil, e automaticamente fica à margem, sem uso, "marginalizada".

1. TEORIAS CRÍTICO – REPRODUTIVAS

Até o presente momento trabalhamos as teorias não críticas da educação: a pedagogia tradicional, a escola nova e a pedagogia tecnicista.

As teorias que iremos elencar a seguir são chamadas de crítico – reprodutivistas, uma vez que "postulam não ser possível compreender a educação senão a partir dos seus condicionantes sociais. Há, pois, nessas teorias uma cabal percepção da dependência da educação em relação à sociedade". (Saviani, p. 27).

Dermeval Saviani apresenta as seguintes teorias que são classificadas, como crítico – reprodutivas: "teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica"; "teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado" e "teoria da escola dualista".

1.1. TEORIA DO SISTEMA DE ENSINO ENQUANTO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Esta teoria se apresenta na obra **A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino**, de P. Bourdieu e J.C. Passeron, constituída nos livros I e II.

O autor Dermeval Saviani se baseou na apresentação do livro I, ao produzir seu texto. Segundo o autor, a violência simbólica se apresenta da seguinte forma:

> "Porque violência simbólica? Os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes. Sobre a base da força material e sob sua determinação erige-se um sistema de relações de forças simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações de força material. É essa a idéia central contida no axioma fundamental da teoria. Senão vejamos o seu enunciado: 'Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força'.(Bourdieu & Passeron, 1975:19 in Saviani, p. 29).

A violência é determinada, simbólica, porque está camuflada, é algo que está presente na própria formação das classes sociais entre classe dominante e classe dominada. Saviani diz que "à violência material (dominação econômica) exercida pelos grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominados corresponde a violência simbólica (dominação cultural)". (p. 30)

O campo mais propício para a inculcação da dominação cultural de massa é justamente a escola. É através da ação pedagógica e da autoridade pedagógica que se realiza o trabalho pedagógico, entendido "como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação

um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado". (Bourdieu & Passeron, 1975:44, in Saviani, p. 30)

A violência simbólica pode ser manifestada de diversas formas: "a formação da opinião pública através dos meios de comunicação de massa, jornais etc.; a pregação religiosa; a atividade artística e literária; a propaganda e a moda; a educação familiar etc." (p.30)

Assim, fica claro que a função da educação é de "reprodução das desigualdades sociais. Pela reprodução cultural ela contribui especificamente para a reprodução social" (Saviani, p. 31)

1.2. TEORIA DA ESCOLA ENQUANTO APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO (AIE)

Esta teoria está baseada na obra de Louis Althusser, "Os Aparelhos Ideológicos do Estado" que segundo ele se classifica em duas categorias: Os Aparelhos Repressivos de Estado (Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões etc.) e os Aparelhos Ideológicos de Estados (AIE) que eles enumeram provisoriamente, da seguinte forma: AIE religioso, AIE escolar, AIE familiar, AIE jurídico, AIE político, AIE sindical, AIE de informação, AIE cultural. (Althusser, s.d.: 43-4).

O aparelho que nos interessa nesta teoria é o escolar, que embora esteja classificado dentre os Aparelhos Ideológicos do Estado, pode-se comprovar claramente o seu caráter repressivo, enquanto aparelho. Vejamos:

> "... devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através de repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica (não existe aparelho puramente ideológico). Desta forma, a Escola, as Igrejas 'moldam' por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção, etc.... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas..." (Althusser, "Aparelhos Ideológicos do Estado", p. 70).

Podemos afirmar que a escola está em função de transmitir a ideologia da classe dominante e como tal, irá formar os alunos conforme a necessidade da classe dominante.

Com base na reprodução das condições de produção, Althusser irá, claramente, expor esta relação de produção da exploração capitalista:

> "...é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (savoirfaire) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados" (s.d.: p. 66) – (Saviani, p.34).

O que na verdade a classe dominante espera da escola é que ela cumpra o papel de perpetuar sua ideologia. E sem perceber os professores estão cada vez mais inseridos nesse processo e, às vezes, não atentam para este fato, não observando que o sistema somente oferece à escola aquilo que lhe será conveniente para manter seu caráter de dominação cultural.

Saviani, no término de sua exposição sobre a Teoria da Escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado, faz um fechamento bastante sólido com a citação de Louis Althusser, que embora um pouco extensa, vale a pena ser apresentada, pelo seu caráter sintético da ideologia existente na escola:

> "Peço desculpas aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este os encerra, as armas que podem encontrar na história e no saber que 'ensinam'. Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não têm sequer um vislumbre de dúvida quanto ao 'trabalho' que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteiramente e em toda a consciência à realização desse trabalho (os famosos métodos novos!). Tem tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão 'natural', indispensável – útil e até benfazeja aos nossos

> contemporâneos, quanto a Igreja era 'natural, indispensável e generosa para os nossos antepassados de há séculos' (Althusser, s.d.: 67-8, in Saviani, p. 35).

1.3. TEORIA DA ESCOLA DUALISTA

É chamada de Teoria da Escola Dualista "porque os autores se empenham em mostrar que a escola, em que pese a aparência unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas (e não mais do que duas) grandes redes, as quais correspondem à divisão da sociedade capitalista em duas classes fundamentais: a burguesia e o proletariado". (Saviani, p. 35).

A presente teoria foi elaborada por C. Baudelot e R. Establet e apresentada no livro "L'ecole capitaliste en France" (1971).

Nessa teoria admiti-se que tanto a burguesia quanto o proletariado possuem suas ideologias, porém ela irá se manifestar em campos diferentes. A ideologia burguesa tem como palco de seu espetáculo a escola, enquanto que a ideologia do proletariado irá se desenvolver nas massas e, deixando bem claro, que jamais irá "invadir" o campo da escola, porque a escola é território que está sob domínio burguês.

Não é possível a ideologia do proletariado, que é desenvolvida em suas organizações (sindicatos, cooperativas, associações de bairro etc.), "invadir" o campo da escola, porque a escola tem como meta impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e sua luta revolucionária. Podemos assim dizer que a escola "qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual, sujeitando o proletariado à ideologia burguesa sob o disfarce pequeno – burguês". (Saviani, p. 38)

Com isso concluí – se que a escola "é ao mesmo tempo um fator de marginalização relativamente à cultura burguesa assim como em relação a cultura proletária. Em face da cultura burguesa, pelo fato de inculcar à massa de operários que tem acesso à rede primária profissional apenas aos subprodutos da própria cultura burguesa. Em relação à cultura proletária, pelo fato de recalcá-la, forçando os operários a representarem sua condição nas categorias da ideologia burguesa" (Saviani, p. 38).

Assim a escola apresenta duplamente um fator de marginalização, porque apenas oferece ao proletariado o subproduto de sua cultura ao mesmo tempo em que tenta arrancá-lo do movimento de classe proletariada em que está inserido, e faz isso por meio da escola.

Dentre as Teorias crítico – reprodutivas, José Carlos Libâneo, em sua obra "Democratização da Escola Pública", destaca a Tendência progressista liberadora e a Tendência progressista libertária.

1.4. TENDÊNCIA PROGRESSISTA LIBERTADORA

Esta tendência é mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire, e sua apresentação na obra citada é feita analisando os seguintes aspectos: o papel da escola, conteúdos de ensino, métodos de ensino, os passos da aprendizagem.

O papel da escola aqui é o de partir da realidade onde os alunos estão inseridos, para promover a aprendizagem, atingindo um nível "de consciência dessa mesma realidade, a fim de que nela atuem, num sentido de transformação social" (p. 33).

Quanto aos conteúdos de ensino, o importante não "é a transmissão de conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida" (p. 33).

Nos métodos de ensino, o trabalho educativo cabe ao "grupo de discussão, a quem cabe autogerir a aprendizagem, definido o conteúdo e a dinâmica das atividades. O professor é um animador que, por princípio, deve 'descer' ao nível dos alunos, adaptando-se às suas características e ao desenvolvimento do próprio grupo" (p. 34).

Nos passos da aprendizagem será usada a "codificação – decodificação e problematização da situação, que permitirão aos educandos um esforço de compreensão do 'vivido', até chegar a um nível mais crítico de conhecimento da sua realidade, sempre através da troca de experiências em torno da prática social". (p. 34)

No relacionamento entre professor e aluno há uma relação de diálogo, sendo que "como método básico, a relação é horizontal, onde

educador e educandos se posicionam com sujeitos do ato de conhecimento".(p.34)

Dentro dos pressupostos de aprendizagem, o aluno estará submetido à concepção de que "aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade"(p. 35).

Fica evidenciado, através da exposição dos conceitos básicos da divisão da tendência apresentada, que o caráter geral da Tendência Progressista Libertadora, parte do princípio de que o aprendizado deve emergir da realidade do aluno, e através dela extrair – se os conteúdos que deverão ser trabalhados, formando assim, uma consciência crítica da realidade.

1.5. TENDÊNCIA PROGRESSISTA LIBERTÁRIA

A Tendência Progressista Libertária está apresentada segundo os mesmos aspectos analisados na tendência anterior.

O papel da escola aqui é mostrado da seguinte forma: "A pedagogia libertária espera que a escola exerça uma transformação na personalidade dos alunos num sentido libertário e autogestionário. A idéia básica é introduzir modificações institucionais, a partir dos níveis subalternos que, em seguida, vão 'contaminando' todo o sistema... A pedagogia libertária, na sua modalidade mais conhecida entre nós, a 'pedagogia institucional', pretende ser uma forma de resistência contra a burocracia como instrumento da ação dominadora do Estado, que tudo controla (professores, programas, provas, etc.), retirando a autonomia". (p.36)

Diante da exposição do conceito básico do papel da escola, podemos dizer que a tendência progressista libertária irá em busca de uma reação contra o ensino institucionalizado, aquele que simplesmente é apresentado como modelo a ser seguido.

Nessa tendência, tanto a nível de conteúdo como de aplicação, o aluno terá acesso aos "conteúdos culturais universais que se constituíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados face às realidade sociais" e em

sua aplicação os "alunos têm liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades ou das do grupo". (p. 37/38).

Podemos observar que nesta tendência formula-se um ensino em que seus conteúdos estejam diretamente ligados, "de forma indissociável" à formação humana e social do indivíduo.

Nessa tendência corre – se o risco de o ensino não se efetivar, porque na verdade, o aluno fica muito à vontade quanto à escolha do que estudar, quando e como, e para tanto, é necessário que haja uma maturidade escolar. No entanto, é saber público e notório que esta referida maturidade irá se efetivar, provavelmente, apenas no terceiro grau, daí a afirmativa de que a aprendizagem talvez não se efetive.

As teorias aqui apresentadas, estão classificadas como crítico – reprodutivistas, porque, na verdade, todas elas apresentam críticas ao ensino, no entanto, não apresentam soluções viáveis para que se altere o quadro do ensino atual.

2. TEORIAS CRÍTICAS DA EDUCAÇÃO

As teorias críticas da educação que serão aqui analisadas, se apresentam sob os seguintes títulos: Tendência Progressista "crítico – social dos conteúdos" (Libâneo), Abordagem sócio – cultural (Mizukami) e a Teoria da curvatura da vara (Saviani).

2.1. TENDÊNCIA PROGRESSISTA "CRÍTICO – SOCIAL DOS CONTEÚDOS"

Nesta tendência Libâneo acredita que o papel primordial da escola seja a "difusão dos conteúdos".

Segundo ele, o aluno tem que ir para a escola e se apropriar de conteúdos básicos para sua formação, conteúdos estes "sólidos", que estejam sempre associados com sua realidade social, devendo Ter uma constante valorização do saber. A escola sendo parte integrante da sociedade, tem por

escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos que tenham ressonância na vida dos alunos. Entendida nesse sentido, a educação é 'uma atividade mediadora no seio da prática social global', ou seja, uma das mediações pela qual o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética), a uma visão sintética, mais organizada e unificada" (Libâneo, p. 39).

Resumidamente, poderíamos dizer que a citação ora apresentada, demonstra basicamente as características gerais desta teoria, porque ela abarca o papel da escola enquanto agente transformador da sociedade, a maneira como pode ser garantido um bom ensino às classes populares (que segundo a corrente teórica somente será possível através da transmissão de conteúdos sólidos e associados a realidade social), a postura que deve ser tomada pelo professor enquanto orientador e a própria participação dos alunos.

Na busca deste saber concreto, o ponto chave para se chegar ao conhecimento é o seguinte: "vai-se da ação à compreensão e da compreensão à ação, até a síntese, o que não é outra coisa senão a unidade entre a teoria e a prática" (Libâneo, p. 41).

Para que isto ocorra, os métodos utilizados nessa teoria não partem de um saber artificial, "depositado a partir de fora, nem o saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber trazido de fora" (Libâneo, p.40).

O professor aqui assume, um papel primordial para a efetivação do ensino, e com isso, existem críticas no sentido de que o professor estaria aqui agindo com autoritarismo, visto que a sua função é acentuada neste processo.

Para que este aspecto não fique confuso, o papel do professor, segundo esta teoria, é o de mediador, ou seja, "o aluno, com sua experiência imediata num contexto cultural, participa na busca da verdade, ao confrontá-la com os conteúdos e modelos expressos pelo professor. Mas este esforço do professor em orientar, em abrir perspectivas a partir dos conteúdos, implica um

envolvimento com o estilo de vida dos alunos, tendo consciência inclusive dos contrastes entre sua própria cultura e a do aluno" (Libâneo, p. 39).

2.2. ABORDAGEM SÓCIO – CULTURAL

Uma das obras referentes a esse tipo de abordagem, que enfatiza aspectos sócio – político – culturais, mais significativas no contexto brasileiro, e uma das mais difundidas, é a de Paulo Freire, com sua preocupação com a cultura popular.

Essa preocupação com a cultura popular aparece "após a II Guerra Mundial e se liga à problemática da democratização da cultura... Já nos países do Terceiro Mundo, esse movimento tem-se voltado freqüentemente, por exemplo, para as camadas sócio – econômicas inferiores, e uma de suas tarefas têm sido a de alfabetização de adultos. Parte sempre do que é inerente ao povo, sobretudo do que as pessoas assimilaram como sujeitos, não lhes fornecendo, portanto, coisas prontas, mas procurando trazer valores para que os indivíduos os assumam e não somente os consumam" (Mizukami, p.85).

Mizukami apresenta essa abordagem em tópicos, procedimento que será adotado neste trabalho, tendo em vista uma melhor compreensão de seus conceitos.

2.2.1 – HOMEM E MUNDO

O homem e o mundo estão paralelamente ligados visto que o homem é fruto do mundo em que vive, no qual transforma a si mesmo e consequentemente, à sociedade que o rodeia. Assim, a interação homem – mundo, é imprescindível :

> "Na obra de Freire, o homem é o sujeito da educação e, apesar de uma grande ênfase no sujeito, evidencia-se uma tendência interacionista, já que a interação homem – mundo, sujeito – objeto é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis.

> Segundo esta abordagem, não existem senão homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos num contexto sócio – econômico – político, enfim, num contexto histórico" (Mizukami, p. 86).

A educação, segundo a citação, estaria vindo de encontro com a realidade do aluno, ou seja, fazendo com que ele reflita sobre o mundo em que está inserido, observando o que pode ser mudado, porque ele parte de uma ação progressiva de conscientização de sua situação concreta para assumir uma posição de sujeito perante uma sociedade, e isso somente é possível através de uma ação crítica de reflexão sobre seu papel de sujeito, enquanto agente transformador de sua própria história.

2.2.2. SOCIEDADE – CULTURA

A cultura é adquirida com a prática da reflexão do sujeito sobre a sua vida, e sobre os desafios que vão surgindo, isto porque a cultura é produzida a partir do momento em que o homem estabelece relações do diálogo com outros homens na busca de transformar o meio em que vive, havendo um esforço criador do homem.

Para tanto, essa aquisição de cultura se efetivará com um posicionamento crítico do sujeito em relação ao que está posto, não se verificando simplesmente na aquisição de informações, mas refletindo sobre ela. Observe:

> "Nesse sentido é lícito dizer que o homem se cultiva e cria a cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que a natureza coloca, como também no próprio ato de criticar, de incorporar a seu próprio ser e de traduzir por uma ação criadora a experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o precederam" (Freire, 197ª, p.41, in Mizukami, p. 87).

A conscientização do homem como sujeito na sociedade, na

apresentado. O sujeito enquanto agente transformador de seu próprio meio, irá chegar a esse ponto de consciência, através de análise e reflexões críticas sobre os mitos que são impostos pela estrutura dominante. Com esta análise, o sujeito observa o processo de alienação a que é submetido, assumindo uma consciência crítica e transformadora da realidade que o cerca, e quando isso não ocorre, temos então um homem alienado:

> "O homem alienado não se relaciona com a realidade objetiva, como um verdadeiro sujeito pensante: o pensamento é dissociado da ação. O homem alienado é atraído pelo estilo de vida da sociedade dominante e não se compromete com o seu mundo real. Sua forma de pensar é reflexo do pensamento e expressões da sociedade dominante". (Mizukami, p.90).

2.2.3. CONHECIMENTO

O conhecimento é algo a ser alcançado, e é necessário muito trabalho para se chegar até ele, sendo um processo contínuo de conscientização, ou seja, o sujeito somente chega ao conhecimento quando associam-se prática e pensamento, adquirindo consciência do que está realizando.

Segundo Mizukami:

> "O processo de conscientização é sempre inacabado, contínuo e progressivo, é uma aproximação crítica da realidade que vai desde as formas de consciência mais primitivas até a mais crítica e problematizadora e, consequentemente, criadora. Implica a possibilidade de transcender a esfera da simples apreensão da realidade para chegar a uma esfera crítica, na qual o homem assume uma posição espistemológica: a realidade se dá como um objeto cognoscível ao homem. Conscientização implica e consiste, portanto, um contínuo e progressivo des-velamento da realidade". (p. 91)

Em Freire, 1974, lemos que "quanto mais se des-vela a realidade, mais se penetra na essência fenomenológica do objeto que se pretende analisar". (Paulo Freire, 1974, p. 30).

Mizukami, faz na obra citada uma descrição das características de cada tipo de consciência, são elas:

- **Consciência Intransitiva** – o homem aqui está envolvido em interesses mais vegetativos de vida, sendo este tipo de consciência mais comum das regiões de populações pouco desenvolvidas, representando um "quase descompromisso do homem com a sua existência, pois dele escapa a apreensão dos problemas que extrapolam a esfera estritamente biológica".(p.91).
- **Consciência Transitiva Ingênua** – o homem aqui ainda tem explicações pouco plausíveis e não está adepto a maiores investigações da realidade, aliás, assume uma posição saudosista em relação aos fatos que ocorrem, "o indivíduo atém-se ao passado e exibe saudosismo, prestando pouca atenção ao presente, por ele considerado como época sempre inferior, medíocre e vulgar. Alega que o período atual é caracterizado por dissolução de valores e instituições".(p.92)
- **Consciência Transitiva** – este tipo de consciência "caracteriza-se por manifestar consciência de sua dependência, indagando sobre os fatores de que depende e, como estes, não se dá a conhecer à primeira vista, exigindo uma análise espistemológica. É uma forma crítica de pensar, pois que busca identificar e compreender os motivos e procedimentos pelos quais a representação do real de um país é produzido e o faz, não apenas para apreciar a gênese psicológica de tal representação, mas principalmente para descobrir a natureza e a extensão das ações que sobre ela exercem os fatores que o condicionam". (p. 93)

Podemos então dizer que diferentes sujeitos possuem diferentes níveis de consciência e que conforme o nível de consciência do sujeito, é que se pode determinar o seu potencial para se chegar ao

2.2.4. EDUCAÇÃO

A educação assume um papel importantíssimo para o desenvolvimento dos estágios de consciência anteriormente citados, quando ela promove a reflexão sobre o homem enquanto agente transformador da sociedade e de sua própria cultura. Segundo Mizukami: "A ausência de uma reflexão sobre o homem implica o risco de adoção de métodos educativos e diretrizes de trabalho que o reduzem à condição de objeto. Por outro lado, a ausência de uma análise do meio cultural implica o risco de se realizar uma educação pré – fabricada, não adaptada ao homem concreto a quem se destina".(p.94)

Nesta abordagem está marcante que o sujeito tem que ser submetido a uma educação que esteja associada com sua realidade, com seu meio social. Isto se faz necessário para que, enquanto indivíduo inserido em uma sociedade, tome consciência da realidade que o cerca, e a partir dessa consciência transforme a sua história.

A educação então assume o papel primordial de elevar o nível da consciência primitiva do indivíduo à consciência critica, fazendo com que desta forma ele se integre num processo contínuo de desenvolvimento.

2.2.5. ESCOLA

A escola é compreendida como um local onde tanto professores quanto alunos, passam por um processo mútuo de crescimento através da conscientização, da troca de informações, do acesso ao conhecimento sistematizado etc.

No entanto, na obra de Paulo Freire, "Cuidado, Escola", 1980, ele afirma que : "A escola, pois, é uma instituição que existe num contexto histórico de uma determinada sociedade. Para que seja compreendida é

necessário que se entenda como o poder se constitui na sociedade e a serviço de quem está atuando" (Mizukami, p. 96)

Neste processo de conscientização em que tanto professores quanto alunos estarão engajados, é de se evidenciar que não se fuja do aspecto dominante que a escola exerce, e é justamente este aspecto que a escola, segundo a luz dessa teoria tenta mostrar, para sua transformação.

2.2.6. ENSINO – APRENDIZAGEM

A relação de ensino – aprendizagem "entendida em seu sentido global, deverá procurar a superação da relação opressor – oprimido. A superação deste tipo de relação exige condições tais como: reconhecer-se, criticamente, como oprimido, engajando-se na práxis libertadora, onde o diálogo exerce papel fundamental na percepção da realidade opressora; solidarizar – se com o oprimido, o que implica assumir a sua situação e lutar para transformar a realidade que o torna oprimido; transformar radicalmente a situação objetiva, entendida como a transformação da situação concreta que gera a opressão (tarefa histórica do homem)" (p. 97)

Neste ponto de vista o processo de ensino – aprendizagem somente se efetiva com uma educação problematizadora, que vislumbra os aspectos sociais das relações entre opressor e oprimido, não de limitando a educação bancária, onde simplesmente se deposita informações.

2.2.7. PROFESSOR – ALUNO

Nesta relação professor – aluno, o que importa não é quem está ali para ensinar, mas sim, o fato de que existe uma relação horizontal entre ambos, onde a troca de conhecimentos é mútua:

> "Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza

> cultura. Os conteúdos dos textos utilizados serão constantemente analisados no sentido de expressarem pontos de vista do autor e do grupo social e cultural que representa... O professor procurará criar condições para que, juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem". (p.99)

Essa troca de informações e diálogos estabelecidos entre professor – aluno, é que será o responsável pela prática da educação conscientizadora e transformadora da sociedade.

Diante do exposto na Abordagem Sócio – Cultural, podemos chegar à conclusão de que ela está voltada para a busca do conhecimento através da conscientização do sujeito, que pode levá-lo a sair do estágio da consciência ingênua e levá-lo ao estágio da consciência crítica. Neste contexto a escola assume um papel sócio – cultural, porque está ligada diretamente com a realidade social e cultural dos sujeitos que a freqüentam. Desta forma, havendo a conscientização de sua condição sócio – cultural, fará com que o sujeito transforme a sua própria realidade.

Aqui o sujeito toma consciência da sua posição de sujeito enquanto ser social.

2.3. TEORIA DA CURVATUVA DA VARA

Dermeval Saviani em sua teoria crítica da educação, faz relevantes considerações quanto ao processo filosófico – histórico e político que envolve o campo educacional, e ao final, chega às suas próprias conclusões sobre o ensino e os problemas que o acometem. Na referida obra, o autor, apresenta três teses e um apêndice. De antemão esclarece que todas as teses são, por si só, políticas:

> "... a primeira, por ser mais geral, eu a considero uma tese filosófico – histórica. Poderíamos enunciá-la da seguinte maneira: 'do caráter

> revolucionário da pedagogia da essência e do caráter reacionário da pedagogia da existência'.
>
> Em Segunda tese, que se articula com essa, é uma tese que eu chamaria pedagógico – metodológica, e o enuncio assim: 'do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudo – científico dos métodos novos'...
>
> As duas primeiras funcionam como premissas para extrair uma terceira tese conclusiva. Essa é uma tese especificamente política, de política educacional. Eu a enuncio da seguinte maneira: 'de como, quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e de como, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática'". (Saviani, p. 48)

No apêndice o autor fará algumas considerações sobre a "teoria da curvatura da vara", que foi enunciada por "Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais. Lênin responde o seguinte: 'quando a vara está torta ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto'". (Saviani, p.48)

Saviani expõe a sua **primeira tese** como sendo filosófica, porque as pedagogias que foram aplicadas possuíam uma filosofia conforme o interesse da classe dominante e histórica, porque serviu a um momento histórico de ascensão da burguesia ao poder.

As características pertinentes às pedagogias da essência e existência, já foram anteriormente explanadas neste trabalho através de uma introdução histórica. No entanto, é importante relembrarmos os motivos pelos quais Saviani afirma ser a pedagogia da essência **revolucionária** e a pedagogia da existência **reacionária**.

Em breves palavras podemos dizer que a pedagogia a essência surge com a ruptura do modo de produção feudal e a gestação do modo de produção capitalista. Nesse momento a burguesia, classe em ascensão, vai se manifestar como uma classe revolucionária em oposição ao clero e a nobreza.

Com a ascensão da burguesia ao poder, esta vai advogar a escolarização para todos a fim de transformar servos em cidadãos, havendo neste momento uma defesa veemente da igualdade essencial dos homens. Fala-se em uma sociedade igualitária e a essência humana é exaltada.

Com o decorrer do tempo a participação política das massas, veio contradizer aos interesses da burguesia que agora representa o poder. Isto ocorreu porque as massas não estavam elegendo os candidatos que o poder desejava.

Com isso, funda-se a pedagogia da existência, que Saviani diz ser de caráter **reacionário**, pois vem fundar-se numa reação para consolidação do poder, visto que a pedagogia da existência defende que os homens são essencialmente diferentes. Com isso há a admissibilidade de que alguns tem menos capacidade que os outros ou aprende mais devagar, etc.

O que ocorre nessa pedagogia é a legitimação das desigualdades entre os homens, legitimando também a dominação, a sujeição e os privilégios. Assim, "a pedagogia da existência vai ter esse caráter reacionário, isto é, vai contrapor-se ao movimento de libertação da humanidade em seu conjunto". (p. 53).

Na **Segunda tese** da Saviani, arriscar-nos-emos a elaborar um quadro demonstrativo que irá contrapor as metodologias na efetivação do ensino na escola Tradicional e na Escola Nova:

Escola Tradicional	***Escola Nova***
O método pedagógico é o expositivo, cuja matriz teórica se funda nos cinco passos formais de Herbat: • "Passo de preparação; • Passo da apresentação; • Passo da comparação e assimilação; • Passo da generalização e por último • Passo da aplicação que correspondem ao esquema do método científico industrial, tal como fora formulado por Bacon, método que	Estes são os cincos passos do ensino novo que se contrapõem simetricamente aos passos do ensino tradicional: "então, o ensino seria uma atividade (primeiro passo) que, suscitando determinado problema (segundo passo), provocaria o levantamento dos dados (terceiro passo), a partir dos quais seriam formuladas as hipóteses (quarto passo) explicativas do problema em questão, empreendendo alunos e professores, conjuntamente, a experimentação (quinto passo), que permitiria

podemos esquematizar em três momentos fundamentais: a observação, a generalização e a confirmação. Trata-se portanto, daquele mesmo método filosófico do empirismo, que foi base do movimento da ciência moderna".(p.54)	confirmar ou rejeitar as hipóteses formuladas (p. 57).

No ensino tradicional haverá uma "transmissão de conhecimentos obtidos pela ciência, portanto já compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade" (p. 57), motivo pelo qual o ensino centra-se no professor, que é o adulto que domina os conteúdos estruturados e sistematizados e repassa-os.

O caráter científico assumido por este método se dá devido ao modo de sua aplicação. Rapidamente poderíamos explanar como eles se efetivam:

1. **preparação** – o aluno recorda a lição anterior, do já conhecido.
2. **apresentação** – o aluno é colocado diante do conhecimento novo.
3. **assimilação/comparação** – a assimilação do aluno ocorre por comparação entre o novo conhecimento com o velho, já adquirido, havendo assim, assimilação.
4. **generalização** – é no momento em que o aluno já assimilou o novo conhecimento e ele é capaz de identificar todos os fenômenos correspondentes ao conhecimento adquirido.
5. **aplicação** – "este passo coincide com as 'lições para casa'. Fazendo os exercícios, o aluno vai demonstrar se ele aprendeu, se assimilou ou não o conhecimento. Trata-se de verificar através de exemplos novos, não manipulados pelo aluno, se efetivamente assimilou o que foi ensinado".(p.55)

Saviani afirma que não há essa cientificidade na Escola Nova, porque tanto alunos como professores partem para o campo da pesquisa e quando isso ocorre, privilegiam a obtenção dos conhecimentos.

Para se chegar a essa obtenção de conhecimento, o método centra-se "no aluno (nas crianças), nos procedimentos e no aspecto psicológico, isto é, se centra nas motivações e interesses da criança em desenvolver os procedimentos que a conduzam à posse dos conhecimentos capazes de responder às suas dúvidas e indagações". (p.57).

Saviani afirma que Escola Nova é pseudo – científica porque, segundo ele, somente se chega à pesquisa possuindo conhecimentos básicos para aí sim, ir em busca do desconhecido.

Ainda diz que "qualquer pesquisador sabe muito bem que ninguém chega a ser pesquisador, a ser cientista, se ele não domina os conhecimentos já existentes na área em que ele se propõe a ser investigador a ser cientista". (p.58).

Resulta evidente que o método da Escola Nova ao privilegiar a obtenção de conhecimentos através da pesquisa, acabou por dissolver a diferença "entre pesquisa e ensino, sem se dar conta de que, assim fazendo, ao mesmo tempo em que o ensino era empobrecido, se inviabilizava também a pesquisa". (p.58)

A **terceira tese** é fruto das duas primeiras, porque quando Saviani afirma que "quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática", refere-se à primeira tese, quando a burguesia é a classe em ascensão no poder e advoga a escolarização para todos, através da pedagogia da essência, que defende a igualdade entre os homens, transformando os servos em cidadões, e consequentemente, instalando – se uma ordem democrática. Já, ao afirmar que "quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola", refere – se à Segunda tese, quando a escola nova foi instituída com o discurso da pedagogia da existência que abriga espaço para o tratamento diferenciado dos homens. O tratamento diferenciado dos homens, fez com que houvesse um abandono na busca da igualdade e isto foi justificado

em nome da democracia, o que consequentemente, introduziu-se no interior da escola e assumiu o papel de procedimentos ditos democráticos.

Ficou, desse modo, esclarecido que quem se beneficiou desses procedimentos ditos democráticos, não foi o povo, não foi o proletariado e nem os operários, e sim, pequenos grupos que já faziam parte da classe privilegiada, comprovando – se desta forma o caráter anti – democrático da Escola Nova.

Saviani faz algumas considerações conclusivas sobre o ensino, que nos levam a nossa realidade sob outra ótica. Para tanto, esclarece o caráter da flexibilidade das Leis que regem o ensino. Esse caráter de flexibilidade que a Lei assume, pode Ter causas desastrosas, como por exemplo, no ensino de primeiro grau, que segundo a Lei deve ser aplicado em oito anos. No entanto, devido à flexibilidade da Lei, em alguns lugares que não há condições de se ter escola por oito anos, então se organize esse conteúdo para seis anos, em outros para quatro ou para dois anos. Desta forma o que ocorre é o aligeiramento do ensino destinado às camadas populares. "Dessa maneira, o ensino das camadas populares pode ser aligeirado até o nada, até se desfazer em mera formalidade".(p.65)

Acredita Saviani que para que haja o aprimoramento do ensino destinado às camadas populares, é necessário a prioridade na aplicação dos conteúdos, porque segundo ele, esta seria a única forma de luta contra a farsa do ensino, que se caracterizou aqui com a flexibilidade da Lei, quanto à redução da carga horária.

Para tanto, esses conteúdos devem ser fundamentais, relevantes e significativos à aprendizagem. Eles devem se fazer prioritários,. Justamente "porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominantes, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação". (p. 66)

Assim, esse aspecto de priorizar os conteúdos deve ser entendido no interior da escola como a grande máxima a ser atingida, vindo

desta forma elevar os conhecimentos culturais que serão adquiridos pelas camadas populares, contribuindo assim na luta da equalização social.

O que Saviani deixa claro em sua "teoria da curvatura da vara" é que hoje a vara está torta para a pedagogia da existência, o movimento da Escola Nova, que é portadora de todas as virtudes, enquanto que a pedagogia tradicional possui todos os defeitos. Motivo pelo qual fez apresentação de suas teses, para que os nossos olhos se voltassem para a pedagogia tradicional e fossem evidenciadas as suas virtudes quanto à aplicação de conteúdos.

No entanto, Saviani curvou a vara para o outro lado, para que ela pudesse chegar no ponto correto que, segundo ele "não está também na pedagogia tradicional, mas está justamente na valorização dos conteúdos que apontam para uma pedagogia revolucionária..." (p. 67)

Com isso, Saviani nos mostra os dois lados da moeda, as duas inclinações da vara, para após defender que a quina da moeda ou o centro da vara, está no ponto da valorização dos conteúdos sólidos, para que o dominado através do aparelho escolar, um dia, domine o que o dominador domina, vindo assim a libertar – se da sua condição de dominado.

A PSICOLOGIA NA FASE PRÉ – ESCOLAR

Iremos fazer um breve apanhado da obra de Carmem Enderle, "Psicologia do desenvolvimento", para estabelecer relações entre o perfil psicológico da criança a que vamos nos referir , na analise do conto "Além dos Bastidores" de Marina Colasanti.

O período a ser observado é o pré – escolar, que a autora denomina como sendo a "fase mágica e a crise da oposição", que compreende entre dois a seis anos de vida.

A autora usa a expressão " 'fase mágica' dada a predominância, nesta etapa, do pensamento fantástico que tanto caracteriza a infância, ainda que a fantasia não persista ao longo de toda a fase que vai do segundo ao sexto ano de vida" (p.75), fazendo a observação de que a partir dos quatro anos de idade a criança começa a experimentar realizações mais concretas.

Os acontecimentos mais marcantes nesta fase são: a aquisição da marcha, da fala, da autonomia nos hábitos de higiene e alimentares. No entanto, neste primeiro momento, somente será por nós abordado os dos primeiros acontecimentos:

1º) Marcha

O fato de caminhar "por si só, representa um fator de desligamento da mãe, pois ao deixar o colo materno a criança passa a explorar o ambiente, elegendo entre 'o fazer e não fazer'; pode experimentar o seu universo pelo processo de ensaio e erro. Essa autonomia proporcionada pelo andar tem aspectos positivos e negativos, contudo, já que a criança se vê na contingência de ter que decidir, e a ***decisão*** é uma tarefa difícil nesse estágio da vida. Outro fato negativo que surge como conseqüência da autonomia é a maior instabilidade, que coloca a criança numa situação de oscilação entre um extremo e outro".(p.76)

Observa-se neste instante o quanto é fantástica e maravilhosa esta fase, pois a criança com o advento da marcha irá dar seus primeiros passos para um mundo ainda totalmente desconhecido por seus próprios pés, por seus próprios atos. É quase que óbvio que este desligamento lhe dará maior autonomia e

aspecto negativo, transformando-se em ponto positivo durante o seu desenvolvimento.

Esta instabilidade ocorre com a criança porque até então ela tinha na pessoa da mãe o centro de todas as decisões, e a partir do momento em que começa a dar seus primeiros passinhos, vai adquirindo autonomia e assim tendo que decidir.

Assim, ela irá ingressar na fantástica fase da descoberta "por si só".

2º) A fala

Segundo Piaget, quando a criança começa a falar, ela é inserida numa "socialização de ações; em outras palavras, a linguagem conduz a criança à passagem do pensamento individual para o vasto sistema do pensamento coletivo, uma vez que se constitui num veículo de conceitos e de noções que pertencem a todos". (p.76).

Estas primeiras fases de desenvolvimento da criança que a autora denominou como sendo a "fase mágica", justifica-se plenamente, pois assim como o fato da descoberta do andar é maravilhosa, imagine o quão é fantástico e maravilhoso, quando ela descobre que pode falar, ou seja, não precisa mais chorar ou insistir em gestos para dizer o que quer, ela já pede e se manifesta na linguagem dos adultos. Começa aí a grande descoberta do mundo em que ela está inserida.

A "crise da oposição" é um comportamento da criança de relevante importância para sua formação, que irá se manifestar durante a "fase mágica". Ela se dá em conseqüência da maior capacidade de exploração e expansão do ambiente em que a criança vive, pois adquire autonomia, a qual, de certa forma lhe causa instabilidade, uma vez que ela se vê obrigada a tomar decisões entre duas ou mais alternativas. Nesta fase, constata-se ainda uma discrepância entre necessidade e capacidade de realização, como por exemplo: ela quer segurar objetos pesados demais para sua força física. "Esses fatos provocam, comumente, frustração e irritação, culminando numa crise de mau humor" (p.77).

No entanto, "a oposição é fruto do desejo de dominar e fazer valer sua vontade sobre os adultos que circundam a criança no intento de desafiá-los para experimentar sua força e exercitar o desejo de poder que ora se insurge de forma ostensiva". (p.77).

Verifica-se desta forma que a "crise da oposição", é fruto da descoberta de mundo da criança, que deseja exercitar a sua independência e impor-se como ser humano autônomo.

A criança vendo-se inserida no mundo dos adultos, sente a necessidade de impor suas vontades, mesmo porque ela já está totalmente formada como ser humano, andando, falando, participando de um meio social, ainda que limitado.

A partir dos "quatro anos a criança passa a consolidar sua individualidade por meio de exercícios de confiança em si mesma. O treino de autoconfiança implica necessariamente, nesta etapa, atitudes, na maioria das vezes, pouco simpáticas ao adulto, já que a criança manifesta comportamentos de ostentação querendo mostrar o que é capaz de fazer. Quer mostrar-se poderosa porque na verdade assim se sente, e, para tal, desafia seus companheiros. É como ouvi-la dizer: 'posso saltar mais longe do que tu'; 'olhem como sou forte'. A criança é honestamente orgulhosa do quanto já é capaz de fazer e deseja ser reconhecida por parte dos que a cercam, como uma pessoa crescida." (p.82).

Assim, a "fase mágica" é a fase na qual a criança se encanta e fascina com tudo que a cerca, ela descobrirá o mundo de novidades que está a sua volta e que por ele está sendo descoberto. Com isso, ela forma gradativamente a sua personalidade, através da crise de oposição, que é totalmente necessária no processo de auto-afirmação e formação da personalidade da criança. Enderle, em sua obra "Psicologia do Desenvolvimento"(p.80), faz uma citação de Hadfield (29,p.94) que confirma tal afirmativa:

> "a teimosia é a matéria-prima da vontade; fonte da determinação, da confiança (...) e de todas as qualidades que constituem um caráter forte"

Análise do conto "Além do bastidor" de Marina Colasanti

Antes de iniciarmos a análise do referido conto, é interessante o leitor compreender os motivos pelos quais o mesmo foi escolhido, dentre tantos outros que compõem a obra "Uma idéia toda azul", de onde foi extraído.

Após realizarmos várias leituras, atentamente, vislumbramos que o referido conto, apresenta a criança em dois momentos, segundo nossa leitura: antes dela ir para a escola e o momento em que ela ingressa nesta.

Para se chegar ao ponto de afirmarmos com convicção estes dois momentos distintos na vida da criança, que encontramos no texto, foi necessário haver um embasamento teórico na história da educação, além de um estudo das teorias relacionadas a leitura e à psicologia.

Dado o exposto, a presente análise se apresentará na seguinte seqüência: Interpretação do conto com fundamentos teóricos na psicologia da fase pré – escolar; verificação da postura do professor perante este aluno que ingressa na escola; constatação de como a Instituição Escola vê este aluno e a que classe social ela está a serviço: e o porquê de possuirmos esta estrutura educacional.

Interpretação do conto "Além dos bastidores", com fundamentos teóricos na psicologia da fase pré - escolar.

O conto narra a história de uma menina que cria uma intimidade muito grande com o bastidor que borda. Através deste bastidor ela manifesta seus sonhos, suas realizações e desejos.

Num primeiro momento, analisaremos o conto nos aspectos psicológicos da fase pré – escolar, para que futuramente possamos apresentar a forma como esta criança se desenvolve até o seu ingresso na escola.

O conto possui uma seqüência lógica, que progressivamente demonstra o comportamento da criança que borda o bastidor. O bastidor representa o contato da criança com o mundo, pois é através dele que se desenvolve o presente conto, bem como é através do mundo que se desenvolve uma criança, em seu convívio no meio social em que está inserida.

No início ainda tímida, porém, já possuindo uma determinação, ela começa a bordar o bastidor, fazendo a sua primeira escolha: "começou com a linha verde. Não sabia o que bordar, mas tinha certeza do verde, verde brilhante.".

Esta indecisão no que bordar, mas possuindo ela a certeza na cor, muito bem representa o momento inicial de desligamento que ocorre com a criança, quando esta começa a andar, ou seja, quando a criança caminha por si só, representa um desligamento de sua mãe, ela passa a explorar o ambiente, "elegendo entre o fazer e não fazer". Neste instante ela começa a optar e escolher o que acha melhor aos seus olhos.

A indecisão ocorre porque, de certa forma, este desligamento entre mãe e criança, provoca nesta uma instabilidade, ou seja, quem sempre decidiu por ela foi sua mãe e agora é ela que tem que escolher, e isso, de início, lhe provoca indecisões, pois ainda não é totalmente dona de seus atos.

É interessante notar, que a escolha feita pela menina, foi bordar inicialmente em seu bastidor o capim, indo mais além, bordou "Um capim alto, com as pontas dobradas como se olhasse para alguma coisa".

Estes primeiros passos da criança está muito bem representado pelo capim, que é base onde pisamos, é o chão, o alicerce. Na exploração deste vasto campo que se abre à sua frente diante do fato de andar, ela vai mais além, porque dá vida ao capim, ou seja, ela própria possui vida e começa a olhar para o que antes era limitado.

O fato de andar para a criança é um passo de extrema importância em sua vida, pois, concomitantemente, ela descobre o mundo que a cerca e a si própria.

A nossa criança do bastidor está ingressando neste mundo de descobertas e escolhas, que agora lhes são possíveis.

Ela começa a rechear o bastidor com tudo o que quer, ela escolhe, faz suas opções, ela borda flores, pássaro, abelha, grilo, árvore, ela vai construindo o seu próprio desenho, conforme o seu desejo. Durante esta construção ela é a dona das escolhas, conforme o próprio texto, o desenho "obedecia às suas mãos, obedecia ao seu próprio jeito, e surgia como se no orvalho da noite se fizesse a brotação".

O fato da criança começar a andar e experimentar novas situações faz com que ela tenha maior autonomia sobre suas atitudes, ela passará a ter acesso a outros ambientes, pessoas e situações, não havendo neste instante a dependência da mãe.

A criança do bastidor está se portando justamente desta forma. Ela escolhe, cria e se diverte quando borda o bastidor, porque naquele instante ela possui autonomia de decisão, não dependendo da mãe, liberando suas emoções e sentindo-se empolgada com este novo mundo: "Toda manhã a menina corria para o bastidor, olhava, sorria, e acrescentava mais um pássaro, uma abelha, um grilo escondido atrás da haste".

O ser humano tem um processo de evolução natural e seguindo a orientação psicológica verificamos que após o advento da marcha está um dos maiores passos da criança, que é o advento da fala, onde a partir deste momento a linguagem a levará "a socialização das ações; em outras palavras, a linguagem conduz a criança à passagem do pensamento individual para o vasto sistema do pensamento coletivo, uma vez que se constitui num veículo de conceitos e de noções que pertencem a todos". (Enderle, 1987,p.76).

A criança do bastidor chegara neste momento na aquisição da fala, que tanto lhe será benéfica e importante em seu desenvolvimento. Ela olha para o bastidor e observa que o desenho está pronto, mas estava faltando alguma coisa, foi então quando ela percebeu que havia chegado a hora de bordar os frutos: "Bordou uma fruta roxa, brilhante, como ela mesma nunca tinha visto. E outra, e outra, até a árvore ficar carregada, até a árvore ficar rica, e sua boca encher do desejo daquela fruta nunca provada".

Os frutos aqui estarão representando a linguagem. A criança já anda e toma suas próprias decisões faltando-lhe somente a linguagem para

Como já fora antes citado, é através dela que a criança irá socializar as suas ações, passando a participar da vida de uma coletividade, ela terá mais facilidade para expressar e ser compreendida, não havendo limites para o seu desenvolvimento.

Podemos estabelecer esta relação dos frutos com um dos atos da linguagem, que é a fala, porque é chegado o momento em que a criança se vê na contingência de falar e quando isto ocorre ela se vê maravilhada com tal atitude. Substituindo o texto poderíamos interpretá-lo da seguinte forma: Falou uma palavra, como ela mesma nunca tivera falado. E outra, e outra, até seu vocabulário ficar repleto de palavras, até sua linguagem ficar rica, e sua boca encher do desejo de falar como nunca tivera feito.

A criança já possuindo o ato de andar e falar, quando chega a fase dos quatro anos de idade passa a consolidar a sua individualidade por meio de exercícios de confiança em si mesma, sem contudo perder o elo de ligação com sua família.

A do bastidor, consolida esta individualidade, criando um elo entre o bordado e sua casa, ou seja, todo dia descia pelo fio para o bastidor: "Agora que já tinha aprendido o caminho , todo dia a menina descia para o bordado. Escolhia primeiro aquilo que gostaria de ver, uma borboleta, um louva – deus. Bordava com cuidado, depois descia pela linha para as costas do inseto, e voava com ele, e pousava nas flores, e ria e brincava e deitava na grama".

No espaço que a criança cria em seu próprio mundo, onde ela é o que exatamente deseja, e isto se verifica no relacionamento com outras crianças, momento em que afirma a sua individualidade perante os outros. Ela faz aquilo que lhe é conveniente. Ela ri, brinca, se diverte, faz tudo que a sua imaginação permite, afinal esta fase é denominada "fase mágica", é a fase na qual a criança se encanta e fascina com tudo que a cerca, e assim, ela descobrirá o mundo de novidades que está à sua volta e que por ela está sendo descoberto. Com isso, ela forma gradativamente a sua personalidade.

A criança nesta fase, se apresenta "profundamente afetiva. Não se espera dela respostas "frias", tampouco racionalizadas (a fase é de magia).

com os bebês, mostram uma tenaz independência e apreciam os estímulos advindos da mãe, comprazendo-se em dançar".(Enderle, 1987, p. 80).

Esta doçura própria da criança nesta fase, está muito bem representada na menina que borda o bastidor, quando ela, vendo que terminava todo o espaço a ser bordado, pensou que faltava uma garça e, "escolheu uma meada branca matizada de rosa. Teceu seus pontos com cuidado, sabendo, enquanto lançava a agulha, como seriam macias as penas e doce o bico. Depois desceu ao encontro da nova amiga".

Observe o afeto da menina pela garça que estava sendo bordada, o carinho, o cuidado que tivera com os pontos, e toda a delicadeza do toque quando imagina o quanto seriam macias as penas e doce o bico. Assim, a criança é pura emoção e sensibilidade, quando vislumbra naquele bordado uma nova amiga. Esta é a magia que habita uma criança, que embora conhecendo o cotidiano, convivendo com situações concretas, se permite imaginar , sonhar e viver aquele momento.

Podemos dizer então que, a criança que retratamos através do conto "Além dos bastidores", é uma criança com poder de decisão, que anda, fala, convive num meio social, estabelece relações com outros indivíduos, e também possui sua individualidade e já tem formados os traços básicos de sua personalidade.

2 – Verificação da postura do professor perante este aluno que ingressa na escola.

Antes de prosseguirmos com a análise do conto, é interessante termos em vista que, até o presente momento demonstramos como uma criança é formada , antes de ingressar na escola.

O conto nos permite dividi-lo em dois momentos: antes do ingresso da criança na escola e após. Podemos assim fazê–lo, afirmando que, durante a construção do bordado no bastidor, o único personagem que se

apresenta é a menina que borda. Na seqüência, aparece um outro personagem, que é a irmã mais velha da menina, caracterizando o segundo momento.

Podemos comparar a irmã que aparece no conto, à professora pois, até o seu surgimento a criança vinha construindo o seu bordado livremente e quando a irmã aparece, ela simplesmente pega o bastidor e encerra a construção da menina. Este comportamento caracteriza o professor que tolhe a criatividade da criança quando do seu ingresso na escola.

O perfil do professor a que o conto nos remete, é autoritário, controlador, e que na obra Enderle, "Psicologia do Desenvolvimento", é caracterizado como sendo o "professor - policial" e assim é denominado porque, "tem como maior preocupação as questões com a disciplina, com o fator intelectual, com o cumprimento de ordens e programas, escolhe conteúdos alienantes, sendo autoritário, onipotente, portando-se, enfim, como guardião da ordem social" (p.107).

Para este profissional não há uma relação horizontal entre professor - aluno, mas sim vertical, onde o professor manda e o aluno obedece.

Podemos afirmar que foi este o tipo de professor ali apresentado visto que, tudo estava se formando na vida daquela criança, nela havia sonhos, realizações, decisões, entusiasmo, etc., no entanto, observe o que ocorre quando ela ingressa na escola, com este professor que a educa:

> "Foi assim , de pé ao lado da garça, acariciando-lhe o pescoço, que a irmã mais velha a viu ao debruçar-se sobre o bastidor. Era só o que não estava bordado. E o risco era tão bonito que a irmã pegou a agulha, a cesta de linhas, e começou a bordar." (p.19).

A irmã mais velha aqui representando a professora, toma para si a decisão do que bordar, ou seja, do que lhe ensinar, não perguntou a menina o que ela desejaria ver a mais naquele bordado, ela simplesmente borda, toma uma decisão autoritária, tolhendo a imaginação da criança, visto que ela não teve a opção da opinião.

Ao final, o conto assim se apresenta:

> "Bordou os cabelos, e o vento não mexeu mais neles. Bordou a saia, e as pregas se fixaram. Bordou as mãos, para sempre paradas no pescoço da garça."(p.19).

Neste trecho ficam claramente demonstradas as conseqüências deste comportamento assumido pela professora. A criança não tem mais liberdade para criar e imaginar, pois o que lhe será ensinado já vem pronto, lhe é imposto, há uma fixação de regras, como as pregas que se fixaram de seu vestido.

As mãos da criança, não mais estão direcionadas para ir em busca daquilo que deseja, de pesquisar o que deseja, de conhecer o que lhe interessa, elas estão "para sempre paradas" naquilo que a professora determina.

O conto vai mais além: "Quis bordar os pés mas estavam escondidos pela grama". Neste instante, a professora não permite que o aluno caminhe por si só em busca do conhecimento, atuando como sua orientadora, pelo contrário, seus passos ficam inibidos, sequer aparece o seu ato de andar, que antes fora tão glorioso em sua vida, abrindo-lhe as portas de uma nova etapa de descobertas. Agora, os seus pés estão escondidos na grama, não caminha conforme o seu desejo, a professora lhe diz para onde dever ir.

> ***"Quis bordar o rosto mas estava escondido pela sombra".***

Este é o momento em que a professora aleija o aluno com sua postura enquanto profissional. Ela faz com que a sua forma de "ensinar" faça da criança um ser sem identidade. Ocorre neste momento a quebra da seqüência que antes se formava na vida da criança, pois ela desconsidera o meio do qual a criança veio e tudo que compôs a sua personalidade. A professora, simplesmente, não consegue valorizar a criatividade inerente àquela criança, suas perspectivas, seus desejos, seu poder de decisão, mas sim, a considera como se fosse uma página em branco, aonde ela, portadora de todas as decisões e conhecimentos, molda a criança da maneira que lhe convém. A falta de visão do rosto escondido pela sombra é a prova clara de

como essa criança é tratada, ou seja, todas as crianças não possuem rostos distintos, eles são iguais, desconsidera-se o seu passado, fator importante para a ampliação do seu conhecimento. O ensino é massificado.

Esta afirmação também se comprova no conto: "Então bordou a fita dos cabelos, arrematou o ponto, e com muito cuidado cortou a linha".

Observe como a professora ornamenta a criança, lhe inculcando concepções pré - estabelecidas e agindo desta forma encerra a sua transmissão de conhecimento, ao cortar a linha. Com isto corta os laços que a prendem ao mundo, a criatividade, aos seus sonhos e busca de conhecimentos que antes se desenvolvia normalmente.

Acreditamos que a professora a que o conto nos remete ficou bem apresentada, e infelizmente à criança que está sob a sua formação, restou por ficar diante de muitas imposições e regras, onde não lhe é permitido criar, mas sim obedecer.

Vale salientar, que embora o texto nos remeta a esse tipo de postura assumida pela professora, é de vital importância não sermos ingênuos em nossa análise e depositar toda a culpa na referida professora, afinal de contas, ela também está inserida numa sociedade, que lhe impõe regras e conceitos.

3. Constatação de como a Instituição Escola vê este aluno e a que classe social ela está a serviço.

Quando nos referimos ao fato de que a professora apresentada no conto, segundo nossa interpretação, também estava inserida numa sociedade que lhe impõe regras e conceitos, estávamos nos referindo a inserção desta numa Instituição, no caso a escola, a qual está a serviço de uma determinada classe, a dominante.

A Instituição Escola, tem por finalidade veicular as ideologias da classe que se encontra no poder (dominante), para que assim, perpetue a sua manutenção. Essa ideologia se caracteriza em fazer com que a Escola "domestique" os alunos, para que sejam obedientes e manipuláveis.

Enderle, 1987, p.100, em sua obra, se posiciona da seguinte forma, quanto a esse processo de domesticação:

> "...é um processo "muito lento de deteriorização da personalidade pelo adestramento massivo da criança. A criança é colocada num ambiente apropriado para que se habitue paulatinamente a renunciar a sua liberdade. Assim, simbolicamente, nos primeiros dias de aula, a porta se fecha brutalmente sobre aquilo que aos olhos da criança se constituía o grande valor de sua vida. Ela será pouco a pouco teleguiada, aprenderá o alinhamento e a marcha em fila, em silêncio e de braços cruzados. Esses gestos simbólicos de domesticação levam à perda da iniciativa e demarcam o início do divórcio entre a escola e a vida"

Podemos afirmar, que a Instituição Escola está vendo este aluno como um brinquedo a ser guiado, uma folha em branco a ser preenchida, desconsiderando toda a sua formação fora do ambiente escolar.

A escola comporta-se dessa maneira porque assim o desejam a classe dominante que se encontra no poder, pois não é interessante a ela formar cidadãos que possuam criatividade , iniciativa e criticidade. Para que haja a manutenção da classe dominante, o povo tem que ser guiado, domesticado e por sua vez, limitado em seu poder de contestação, aceitando pacificamente o que lhe é imposto nos bancos escolares.

4. Porque possuímos esta estrutura educacional.

A estrutura educacional que hoje se apresenta, é derivada de diversos motivos. Dentre eles destacaremos alguns para análise.

A escola deveria ser o campo mais propício para dirimir as desigualdades entre os homens, no entanto, o que ocorre é justamente o contrário, ela é palco da promoção dessas desigualdades.

Podemos afirmar isto porque quando dos estudos realizados sobre as Teorias da Educação, verificamos que o Estado não proporciona às

escolas e consequentemente aos professores, conteúdos sólidos, capazes de fazer com que aquela criança desenvolva a criatividade e suas potencialidades, vindo assim, a ser um aluno capaz de atuar com criticidade em sociedade.

Outro motivo a ser destacado é o caráter "politiqueiro" que o Estado assume em relação à educação.

Como já foi abordado por diversas vezes, o Estado não tem interesse em promover a educação de qualidade, porque existindo tal fato, fugiria de seu controle o voto das massas, o que realmente lhe interessa. Nesta sentido, a promoção da educação se torna mera formalidade de campanhas eleitorais.

Diante de uma estrutura deficiente do ensino, seria até certo ponto injusto, responsabilizar o professor por todos os fracassos escolares mas, vale salientar que possuímos em nossas escolas, muitos professores que não são da área da educação, que dão aulas por falta de profissional, qualificado, por exemplo: um Advogado dá aula de Língua Portuguesa, um engenheiro, dá aulas de Matemática, e assim por diante. No entanto, o professor não pode assinar petições e nem assinar projetos.

Colocamos este ponto em evidência, para que se observe o quanto está se descaracterizando o papel do professor. Ao invés do Estado investir em sua formação, promover cursos de qualificação e condições mais propícias de trabalho, simplesmente admite a contratação de profissionais liberais.

Desta forma, podemos afirmar que o Estado está admitindo que a educação não se efetive e fazendo vista grossa para um dos principais campos que nos coloca na condição de país subdesenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto "Além do bastidor" foi escolhido para que através dele fosse mostrado aos leitores o quanto possuímos em nosso país, um ensino manipulado e massificado. Podemos afirmar que é manipulado porque está à serviço da classe dominante, que direciona os caminhos da educação e, massificado, porque é um ensino imposto às massas populares, não respeitando as particularidades da formação social de cada aluno.

Quando da apresentação das "Teorias da Educação", verificamos que algumas delas, as não críticas, são coniventes com esta forma de ensino acima citado, que tolhe a criatividade e imaginação dos alunos, onde a escola é usada como aparelho para veicular as ideologias da classe dominante. Assim, os alunos são formados sob a forte inculcação da ideologia dessa classe, que bloqueia qualquer visão crítica do real, fazendo com que os alunos aceitem com passividade e naturalidade as diferenças sociais existentes.

Na obra "Escola e Democracia", Saviani, nos apresenta uma possível mudança no ensino atual, numa teoria crítica da educação, denominada "Teoria da curvatura da vara". Essa teoria é denominada "Curvatura da vara", porque, segundo Saviani, hoje a vara está torta para a pedagogia da existência, o movimento da Escola Nova, que é portadora de todas as virtudes, enquanto que a pedagogia tradicional possui todos os defeitos. Saviani, faz com que a vara se curve para a pedagogia tradicional, a fim de que sejam extraídas dela as suas virtudes quanto a aplicação de conteúdos.

Segundo nosso entendimento é a maneira mais sólida de dirimir as diferenças sociais e ir em busca de um ensino igualitário.

Esta teoria, busca a valorização de conteúdos sólidos, fundamentais, relevantes e significativos à aprendizagem, para que os alunos em posse dos mesmos, possam ter domínio cultural, e consequentemente, fazer valer suas vontades e interesses.

Saviani curvou a vara para o outro lado, para que ela pudesse chegar no ponto correto que, segundo ele "não está também na pedagogia tradicional, mas está justamente na valorização dos conteúdos que apontam para uma pedagogia revolucionária..."(p.67).

Acreditamos que somente com a valorização de conteúdos fundamentais, relevantes e significativos à aprendizagem é que este aluno da escola pública poderá algum dia, com uma estrutura de conhecimento bem formada, competir em todos os âmbitos sociais, com aqueles alunos privilegiados de escolas particulares. Afirmamos isto porque, somente com a assimilação de conteúdos relevantes é que o aluno passará a enxergar a sua condição de indivíduo inserido numa sociedade e, um dia, "dominar o que o dominador domina", vindo assim a libertar-se da sua condição de dominado.

No entanto, é extremamente necessário lembrarmos a questão do método a ser utilizado para aplicação deste conteúdo.

Libâneo em sua obra "Democratização da Escola Pública", diz que:

> "A questão dos métodos se subordina à dos conteúdos: se o objetivo é privilegiar a aquisição do saber, e de um saber vinculado às realidades sociais, é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos, e que estes possam reconhecer nos conteúdos o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade (prática social). ..." (p.40)

A questão do método como ficou demonstrado, é o meio pelo qual o aluno chegará a possuir os conteúdos sólidos, como Saviani propõe em sua teoria. O método a ser utilizado deverá ser o mediador entre os conteúdos e o aluno, vindo a colocá-los em contato com suas realidades sociais.

A partir desta reflexão quanto à educação, fica fácil estabelecermos relação com o texto.

O texto nos apresenta justamente o comportamento tolhedor que a escola possui, não valorizando a criatividade e criticidade dos alunos, e ele deixa isso bem claro, quando (segundo nossa interpretação) a irmã da menina que borda o bastidor, toma-o para si e borda segundo o seu desejo, não lhe questionando nada sobre o que deveria ser bordado.

O método que a irmã mais velha (que representa a professora) está utilizando, não deixa a criança participar do processo de elaboração do saber, ela simplesmente impõe o que deve ser aprendido. Este comportamento em nada favorece o aprendizado, pelo contrário, faz com que os alunos se tornem menos participativos e desinteressados.

Para se chegar à aquisição de conteúdos sólidos e relevantes à aprendizagem, como propõe Saviani, é de extrema necessidade que os métodos estejam voltados para as realidades sociais de cada aluno. O professor deve

considerar todas as informações trazidas, para que em posse dos conteúdos escolares, os alunos estabeleçam relações entre teoria e realidade.

Desse modo concluirmos que escola e sociedade jamais devem estar dissociadas.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis, Aparelhos Ideológicos do Estado, tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BARROS, Diana Luiz Pessoa, Teoria Semiótica do Texto: São Paulo: Ática, 1990.

COLASANTI, Marina, Uma Idéia Toda Azul. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979

ENDERLE, Carmem, Psicologia do Desenvolvimento, o processo evolutivo da criança: Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Paulo, A Importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos, Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico–social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1993.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, Ensino: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, A Linguagem e Seu Funcionamento. São Paulo: Pontes , 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 1993.

SAVIANI, Dermeval, Escola e Democracia. São Paulo: Cortez/Ed. Assoc., 1983.

ANEXO

ALÉM DO BASTIDOR

Começou com linha verde. Não sabia o que bordar, mas tinha certeza do verde, verde brilhante.

Capim. Foi isso que apareceu depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobradas como se olhasse para alguma coisa.

Olha para as flores, pensou ela, e escolheu uma meada vermelha.

Assim, aos poucos, sem risco, um jardim foi aparecido no bastidor. Obedecia às suas mãos, obedecia ao seu próprio jeito, e surgia como se no orvalho da noite se fizesse a brotação.

Toda manhã a menina corria para o bastidor, olhava, sorria, e acrescentava mais um pássaro, uma abelha, um grilo escondido atrás de uma haste.

O sol brilhava no bordado da menina.

E era tão lindo o jardim que ela começou a gostar dele mais do que de qualquer outra coisa.

Foi no dia da árvore. A Árvore estava pronta, parecia não faltar nada. Mas a menina sabia que tinha chegado a hora de acrescentar os frutos. Bordou uma fruta roxa, brilhante, como ela mesma nunca tinha visto. E outra, e outra, até a árvore ficar carregada, até a árvore ficar rica, e sua boca se encher do desejo daquela fruta nunca provada.

A menina não soube como aconteceu. Quando viu, já estava a cavalo do galho mais alto da árvore, catando as frutas e limpando o caldo que lhe escorria da boca.

Na certa tinha sido pela linha, pensou na hora de voltar para casa. Olhou, a última fruta ainda não estava pronta, tocou no ponto que acabava em fio. E lá estava ela, de volta na sua casa.

Agora que já tinha aprendido o caminho, todo dia a menina descia para o bordado. Escolhia primeiro aquilo que gostaria de ver, uma borboleta, um luva – deus. Bordava com cuidado, depois descia pela linha para

O bordado já estava quase pronto. Pouco pano se via entre os fios coloridos. Breve, estaria terminado.

Faltava uma garça, pensou ela. E escolheu uma meada branca matizada de rosa. Teceu seus pontos com cuidado, sabendo, enquanto lançava a agulha, como seriam macias as penas e doce o bico. Depois desceu ao encontro da nova amiga.

Foi assim, de pé ao lado da garça, acariciando-lhe o pescoço, que a irmã velha a viu ao debruçar – se sobre o bastidor. Era só o que não estava bordado. E o risco era tão bonito, que a irmã pegou a agulha, a cesta de linhas, e começou a bordar.

Bordou os cabelos, e o vento não mexeu mais neles. Bordou a saia, a as pregas se fixaram. Bordou as mãos, para sempre paradas no pescoço da garça. Quis bordar os pés mas estavam escondidos pela grama. Quis bordar o rosto mas estava escondido pela sombra. Então bordou a fita dos cabelos, arrematou o ponto, e com muito cuidado cortou a linha.